

18/3/2007

## De olho no futuro, ainda à sombra do passado

*Cultura da cana-de-açúcar para fabricação do etanol se expande no país ainda com condições degradantes de trabalho*

*O verde da cana é também o da esperança brasileira rumo a um lugar de ponta no comércio mundial do etanol — combustível limpo e aposta no combate à emissão de gases poluentes no mundo. Mas fantasmas do passado ainda atormentam o setor. Uma peregrinação de 300 mil migrantes, todos os anos, percorre os caminhos da cana-de-açúcar, à espera de emprego, submetida a uma carga de trabalho muitas vezes desumana. Para sobreviver ao teste de resistência, muitos recorrem às drogas, num caminho sem volta. A degradação leva a doenças e até à morte. E ainda há resíduos de trabalho escravo, apesar do reconhecido avanço nas condições de colheita, atestado pela Organização Internacional do Trabalho.*

*Atrativa para a venda do combustível, a perspectiva de reduzir a emissão de gases poluentes não é suficiente para tranquilizar ambientalistas, que temem os efeitos das queimadas e da monocultura. Já a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) nega problemas ambientais, sociais e trabalhistas. "O álcool combustível é o mais benéfico ao meio ambiente", diz a entidade.*

Soraya Aggege

Enviada especial • GUARIBA (SP)

Antes mesmo da consolidação do acordo do etanol com os Estados Unidos, o Brasil já ganha uma paisagem em verde-cana. Dono de 60% dos 6,4 milhões de hectares plantados de cana-de-açúcar no país, o interior de São Paulo começa a trocar a pecuária e parte dos laranjais por um tom monocromático. Coloridos, só os lenços nos rostos de 200 mil migrantes temporários que começam a chegar aos canaviais paulistas neste fim de semana, para se juntar aos 50 mil bóias-frias estabelecidos desde a década de 60 nas cidades-dormitório da cana-de-açúcar, como Guariba, periferia de Ribeirão Preto, a chamada "Califórnia Brasileira".

Chamados "desertos verdes" pelos ambientalistas, os canaviais escondem dramáticas humanidades, como as viúvas e os órfãos da "birola", a morte provocada pelo excesso de esforço no trabalho, ou até a semi-escravidão. As jornadas são longas e duras. Muitos usam o crack para conseguir cortar, no facão, 12, 15, 30 toneladas diárias, bases exigidas em usinas ou pelos "gatos" (aliciadores de mão-de-obra). A maioria, segundo estudos da Unesp (Universidade do Estado de São Paulo) e da Ufscar (Universidade Federal de São Carlos), não sobrevive com saúde a sete safras.

— Podemos dizer que só em São Paulo, onde está a maioria dos canaviais, 200 mil migrantes vivem oito meses por ano de maneira degradante. Temos aqui cadeias invisíveis da escravidão — diz uma das principais estudosas da cana no país, a socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva, da Unesp.

**(Página 8)**